

# Germinal!

## Semanario anarquista

Administração: R. Felipe — Redacção: Florentino de Carvalho — Caixa postal, 134 — S. PAULO (Brasil)

ASSINATURA

Anual . . . . . 10\$000

Semestral . . . . . 6\$000

### A guerra de extermínio

#### Os atrapêlos policiais continuam

A repressão policial que actualmente pesa sobre as classes trabalhadoras vale por uma guerra de extermínio.

Ela tem sido tão bárbara e odiosa que já devia ter produzido as repressões vigorosas que levam o terror ao seio da fina roda aristocrática.

Actos de menos importancia tem sido correspondidos de forma a obrigar os mandadores ou executores dos atentados de desobediência e liberdade, a chorarem de arrependimento.

Cantam-se em todos os tons as liberdades democráticas, mas nunca os trabalhadores foram tão perseguidos, e afezados como nos tempos que correm.

Qual feras bravias, os jenizaros da república atisbam a sua presa, desgarrando-a friamente.

A seguinte carta, recebida de Santos, tem, por si só, bastante eloquencia para demonstrar que o governo está impondo ao povo o regime do grilhete ignominioso:

«Camaradas do Germinal!

No dia 16 do corrente o esbirro Antenor de Moura mandou encarcerar 75 operarios, que foram obrigados a abandonar o trabalho para, entre as fileiras dos seus sequazes, seguirem para o calabouço da cadeia de S. Vicente.

Já no dia 1.º de maio, este tipo cometeu a violencia de arrancar do meio da manifestação operaria ali realizada, um operario, pelo crime de gritar contra a lei de expulsão.

Devido aos protestos que immediatamente surgiram de todos os manifestantes, foi logo posto em liberdade.

O Bias Bueno está, como sempre, representando um papel tão imundo que só causa repulção e odio.

Na sexta-feira, 20 do corrente, quando tranquilamente passavam pelo largo do Rosario, foram presos os camaradas Adolfo Anta, João Mael e mais, dois cujos nomes ignoro.

Ninguém sabe quais os motivos dessas prisões, mas o Bias forja-os facilmente.

O camarada Anta e um outro, são por ele acusados de roubarem jóias, e os outros dois, de haverem expropriado uma mala.

Todo o mundo sabe que estes camaradas são trabalhadores e que essas acusações são artimanhas para desmoraliza-los e apr-

sentar uma desculpa para encerra-los na cadeia.

No mesmo dia foram presos os camaradas Alício Fraga e Abilio Lima, aquele na rua Marquês do Erval e este na gare da Ingloza, quando regressava dessa capital.

Estes companheiros foram remetidos para S. Paulo, a disposição do carrasco Sampaio Vidal. Realizaram-se os trâmites legais para que ai sejam postos em liberdade, mas até agora nada sabemos o que é feito deles.

Ante a gravidade deste facto os camaradas começaram uma forte agitação contra a policia. Realmente torna-se necessario tomar-mos todas as medidas afim de que os companheiros presos não sirvam de pasto as ienas que abundam neste pais, burlescamente chamado de liberdade...

Santos) 24. junho 1913

Bento Rodrigues

Como é sabido, o delegado Bias Bueno prendeu, ha alguns meses, o companheiro Anta, que, sem accusação alguma, permaneceu mais de 4 meses nas prisões de Santos, São Paulo e Rio de Janeiro, onde foi atacado de varias enfermidades que hoje o inutilizam para o trabalho.

Anteriormente, Anta era um rapaz robusto, um dos melhores trabalhadores da estiva; agora, doente e até certo ponto inválido, luta com mil dificuldades para recuperar a saúde, mas a autoridade não permite isso; ela está disposta a agravar-lha a elimina-lo, encarcerando-o a cada passo, com pretextos caluniosos.

Os companheiros que vieram presos para esta capital, apesar de todos os esforços ainda não foram encontrados.

Não sabemos se estarão em algum calabouço, padecendo fome e adquirindo a tuberculose e o reumatismo, ou se já terão sido assassinados pelas policia.

Tudo quanto há de criminoso e de perverso é de esperar dessa corporação de malfeitores.

Constata-se, pois, que o governo declarou a guerra de extermínio aos productores.

Agora é preciso saber quando é que os productores serão capazes de romper as hostilidades.

#### Aos assinantes da Mogiana

Comunicamos aos assinantes da Mogiana, que as diversas localidades dessa linha estão sendo percorridas pelo cam-pagneiro Rodolfo Felipe.

Estimamos que todos os camaradas e assinantes prestem a este comarada o seu valioso concurso, afim de que tenha o maior éxito possível na cobrança que está realizando, para ver se não tardamos em conseguir recursos para publicar-mos quatro paginas do jornal em português, e depois preparar-nos para publicar tambem quatro em italiano.

#### Industria de novo genero

##### Sindicatos de policia e advogados

Grande espanto e muita raiva tem causado entre a população os inenarraveis procedimentos policiaes nestes ultimos tempos.

As expulsões de cidadãos nacionais e estrangeiros, as deportações a Itapura, as inúmeras prisões de pacatos trabalhadores, em todo o Estado de São Paulo, deixaram atonitos a todos os homens de boas sentimetos, que delas tiveram conhecimento.

É notorio que estes cidadãos, ou trabalhadores, nada fizeram que merecesse a applicação dos códigos e das leis, ou da Constituição, e que, quando as denúncias de muitas victimas, entre elas Alfredo Bernardini, que foi obrigado pelo delegado dr. Franclin Pisa a assinar a propria expulsão, as prisões regorgitam de detidos, que estão ameaçados de expulsão, ou deportação para os sertões do pais, sem sabêrem porque motivo se encontram sob a inquisitorial féruda da policia.

Os jornais diarios não esqueceram que em Santos, ha dias, foram presos, quando tranquilamente trabalhavam, uns 75 operarios, que pouco depois foram postos em liberdade, mediante a soma de dois contos de reis.

Nenhum cidadão se sente tranquilo, nem na sua propria residencia ou lugar de trabalho, pois sabe-se que a policia prende operarios até nas proprias fábricas ou oficinas, como se houvesse ordem de encarcerar todos os habitantes desta região.

Maior seria, porém, a ira do povo se soubesse o mobil que impulsiona a brigada brava a assim proceder.

Quem estudar de perto este facto, descobre logo o ardid.

As autoridades policiaes fazem fortuna em breve tempo levando os cidadãos para as delegacias, onde lhes esvaziam as algibeiras, (1) e quando sabem que os detidos contam com alguma protecção, cá fora, conservam-os nos calabouços durante dias ou meses, atormentando-os por todos os meios, e se veem que nada podem conseguir mandam-os para Itapura, por exemplo, afim de impor o terror aos que forem presos posteriormente. Os formigueiros de advogados que poral andam sem emprego, ou contam com pouca freguezia, precisam recorrer a um expediente já velho nos anais da jurisprudencia.

Este expediente consiste em procurar que caia muita gente na prisão, para eles tratarem da sua soltura por remunerações exorbitantes.

O que existe, pois, é um complot entre os delegados policiaes e os advogados, uma especie de sindicatos que tem por escôpo encarcerar os habitantes, para depois restituir-lhes a liberdade á preços incalculaveis, e que muitas victimas não podem pagar.

Esta nova industria não é muito limpa, nem humanitaria, mas, sendo realizada pelas autoridades e pelos homens da lei e da jurisprudencia, nada se pode dizer porque eles são a ordem, a moral, o governo, e tudo quanto fizerem está bem feito se não houver quem se oponha.

(1) Na Policia Central acha-se preso um cidadão, chamado Miguel residente á rua Americo Brasilense, 92, ao qual foi sequestrada a soma de 6:500\$000 reis, e será expulso afim de que não possa fazer reclamação alguma.

#### A imprensa anarquista

Inimigos do todas as leis, de todos os regulamentos, de todos os programas; mente aberta a todas as idéas ou pensamentos elevados, irradiados pela luz do livre exame, não podemos circunscrever-nos a uma estricte concepção encerrada nos moldes de determinada escola filosofica ou sociologica.

Podemos, sim, ter mais simpatia por esta ou aquela tendencia, este ou aquele metodo de luta, mas, tratando-se de investigação e de propaganda, é um disparate seguir o método unilateral. Todos os meios que não estiverem em conflicto com os nossos principios devem ser empregados na luta pela nossa causa.

Entre estes meios alguns ha que, á primeira vista parecem contrarios ao Ideal. A revolução armada, o atentado, o incendio, o sabotage, a grève, a manifestação pública, a organização operaria, são meios mais ou menos violentos, antepostos á nossa idéa de paz e de harmonia.

Muitas revoluções e todos os atentados tiveram por fim reprimir monstruosidades praticadas pelo Estado e pelo capitalismo, quando não puderam ir mais longe. O movimento de julho de 1909, em Catalunha foi pelos socialistas, sindicalistas e anarquistas, posto nas mãos dos republicanos, para evitar-se a reacção governamental. Os camaradas de Portugal foram os que mais se distinguiram na revolução que proclamou a Republica, para livrarem-se de serem os primeiros a pagarem o crime de alteração da ordem monarchica. Os atentados que ajusticaram Umberto, Carnot, Carlos, Falco e tantos outros, foram as consequências de massacres, de torturas e outras medidas de terrorismo do Estado, ou da excessiva extorsão capitalista—como os trusts nos Estados Unidos—que agravaram profundamente a situação do povo. Em resumo: tiveram por fim conquistar a maior liberdade e bem estar das classes oprimidas e impulsionar o avanço do Ideal.

A relativa liberdade que hoje gozamos deve-se a essas revoluções, a esses atentados. O sabotage e as grèves parciais ou gerais, são tambem factores que refreiam o galope burguês, disputando, para o operariado, as melhores condições possiveis de existencia, tanto politica como economicamente.

Para promover as grèves e as revoluções, melhor seria que, em vez das sociedades de classe, se constituissem numerosos grupos de acção e de propaganda em cada classe; mas, para isso não existe a sufficiente preparação revolucionaria entre o operariado. E a organização de sociedades operarias produz-se fatalmente, determinada pelo proprio sistema capitalista. O que se torna necessario, portanto, é orientar as sociedades de forma que preparem os trabalhadores para a formação desses grupos, que são o esboço da sociedade futura.

A manifestação pública, que para muitos representa um ajuntamento de barulhentos, é antes do que o livro, o panfleto e o jornal, o melhor meio de transformação da opinião pública, porque traz ao mesmo tempo a divulgação da idéa e a afirmação pratica, embora relativa, do sentimento que a torna vivaz e respeitavel. E nestas manifestações surgem, com frequência, grandes movimentos de revolta, que fazem tremer os dirigentes do regime burguês.

A liberalidade e o bem estar, na sociedade presente, enervam as energias, e as pequenas transformações são reformas ficticias que dão mais longa vida á classe que impera; mas tambem é certo que o excesso de miseria e de despotismo inutiliza os individuos completamente, preparando-os somente para a bestialidade ou para a morte.

Como os nossos principios não preconizam a não resistencia ao mal pela violencia, são consequentes com eles, mesmo empregando os meios violentos.

Voltando á questão da organização operaria, direi que se nós não a inspirarmos nas nossas tendencias, ela tomará outro rumo, constituindo-se não mais poderoso obstaculo ás nossas aspirações, como acontece na Alemanha, na Belgica e outros paises.

Se popularizarmos o nosso ideal e não o praticarmos destruindo moral e materialmente a sociedade presente, ele será sempre uma bela utopia.

Todos esses meios estão concordes com o fim que se persegue, e, em vez de seguirmos exclusivamente a escola de Stirner, de Proudon, de Kropotkin, etc., temos que propagar, com as reservas da propria opinião, as diversas escolas, propagando e afirmando a Anarquia, abreviando a hora da Revolução.

Esta é a orientação que, entendo, deve seguir a imprensa que, sem outros adjetivos, se intitula anarquista.

FLORENTINO DE CARVALHO

#### A revolução mexicana

Ja não ha lugar a dúvidas: a rebelião do proletario mexicano alastra-se por todos os Estados e tomá vigor incrível com o vigoroso esforço que lhe presta o proletariado mundial.

Uma multidão de companheiros decididos engrossaram as fileiras numerorissimas dos rebeldes comunistas, e os successos acontecidos demonstram por uma forma evidente o avanço colossal dado pela revolta anterior á revolta verdadeira, antipolitica, á libertaria revolução.

Podem os jornalistas mercenarios entoar inos de triunfo ao tigre que fusilou a «Madero» revelando aos «zapatas» essa tarefa benéfica; podem os escravos, os vendidos, os castrados chorar a morte do traidor do plano de Poossi; podem os conservadores, os governamentais, os inimigos da redenção humana, dar expansão as suas iras impotentes pedindo angustiados pela intervenção do bandeirismo de Norte-America e pedirem gritando a morte dos redentores; a revolução continuará a sua marcha impetuosa, o sangue correrá a torrentes, as propriedades serão queimadas, os burgueses seguirão o caminho traçado pela sua torpeza os presidentes cairão banhados no proprio sangue, os esbirros serão despedaçados pela força da combinação da nitro-glicerina e os trabalhadores humildes até hontem continuarão expropriando e matando todos os que tratem de impedir a marcha triunfal da revolução.

Nada, nada ditérá os valorosos mexicanos que romperam, com leonina valentia, contra tudo o que representa legalismo e se lançaram á contenda heroica, tendo por armas unicamente os dentes e as unhas; podem, erguendo a redentora divisa de «Terra e Liberdade», tomarem a expropriação como meio de emancipação, tendo como fim a socialização de todas as riquezas em favor de todos os habitantes da terra.

Transcrevo de uma carta recebida de «Los Angeles»: «A revolução tomou tal incremento, que até os proprios federais estão passando para o lado dos nossos com armas e bagagem: os comunistas que haviam sido sugestionados pelo traidor «Jesus Morales» em número de 600, lançaram-se novamente á revolução; 150 rurais de Talneplanta, Mex., desertaram-se levando cava-



# A questão social e o anarquismo

los, armas e tudo o que de valor existia na cidade, para evitarem que caísse nas mãos dos federais.

Hoje recebemos a notícia de que o camarada «Herrera» á frente de 400 revolucionarios entrou em Naica, Chih, e depois de terem saqueado a cidade, principalmente as residencias dos capitalistas americanos, aprisionou um burguez que mais tarde foi posto em liberdade pela quantia de \$2,400 «pesos».

Depois entraram num campo americano no Rio Boncho e exigiram a soma de 25.000 «pesos» ameaçando fusilar todos os representantes da classe não lhes entregassem a mencionada soma.

Depois saquearam todas as casas dos estrangeiros (ali não existem mexicanos com propriedade) e com especialidade dos americanos; dos armazens da Companhia levaram \$700 «pesos» em mercadorias.

O chamado govêrno do Mexico resolveu mandar 10.000 homens para o Estado de Morelos afim de combater os nossos companheiros, que dominam quasi todo o Estado; porém o mais curioso é que o Ministerio da Guerra conta apenas com 14.000 homens e estes estão desertando diariamente. Alem disso todas as principais cidades do Estado de «Guerrero» estão em poder da revolução assim como varias do Estado do Mexico onde opera «Genovevo de la O» aquem recentemente aderiram os famosos carabineros de Coahuila, que eram os melhores soldados de «Huerta».

Estes saquearam muitas povoações.

Como se vê os mexicanos não brincam quando dos nossos inimigos se trata, e seguiram o unico caminho que os trabalhadores podem tomar para emanciparem-se da burguesia.

Os procedimentos que nossos camaradas empregam não podem ser mais praticos.

Tomemos nota na sua conducta e aproveitemos a lição que tão virilmente nos estão dando.

Ajudemos os revolucionarios e gritemos com dignidade e valentia.

Viva Terra e Liberdade!

ISIDORO LOIS.

## Respondendo ao nosso apêlo

De diversos camaradas continuamos a receber animadoras respostas ao nosso apêlo para prestarem o seu apoio iniciativa de publicarmos o Germinál em quatro paginas em portuguez e duas em italiano.

E o facto de agora ser publicado somente em duas paginas de cada idioma, não deve ser motivo para que muitos não prestem o seu concurso.

Todos sabemos que o jornal serve especialmente para o combate e a propaganda, e por isso é imprescindível ser publicado em duas linguas.

Demos-lhe a amplitude necessaria, e então poderá satisfazer a todos.

### Camaradas do Germinál Saude

Quanto á ideia aventada de publicar o Germinál em quatro paginas, podem contar desde já com meu franco e incondicional apoio.

Onxalá sabiam os companheiros em geral corresponder a tão benéfico apêlo, tendo em vista que é a causa pela qual nós todos batalhamos quem exige pôr em pratica a feliz ideia suggerida por vós, de acôrdo com a necessidade imprescindível de redobrar de intensidade a nossa propaganda.

O assunto creio devo calar fundamente na opinião de todos os camaradas, sem dar motivos para objectivar opiniões contrarias, pelo que cada companheiro, á medida que suas forças o permitam, deve contribuir para que, o mais breve possível, seja um facto a iniciativa ora aventada.

J. M. BUENO

S. Paulo, 24-6-913.

### Camaradas. Saude e Revolução.

Respondendo ao vosso apêlo, sou tambem de opinião que o jornal deve ter quatro paginas em portuguez e duas em italiano, devendo, porém, ser retirado o cabeçalho da *La Barricata*, que a meu ver, dá uma má impressão ao jornal. Além disso e, como a pratica nos tem demonstrado, os artigos doutrinaris, a não ser o do fundo, ou algum conto, que poderá sair em dois ou mais números, não devem exceder de uma coluna. Bom éra que vocês fizessem sentir este inconveniente aos colaboradores. Os grandes artigos pouca gente os lê.

Devemos, portanto, limitar-nos, para bem da propaganda. E é só.

Vosso e da Anarquia  
Santos Barbosa

Rio, 17-6-913

Não ha muito tempo, o impagavel conde sr. Alfonso Celso, numa de suas igualmente impagaveis *Cotas*, do «Jornal do Brasil», do Rio, formulava o silogismo seguinte e deduziu *a priori*, *a posteriori* e *a fortiori*, a seguinte conclusão:

«A questão social é uma questão moral.

Ora, a questão moral é uma questão religiosa.

Logo: a questão social é uma questão religiosa».

Em Teologia ou em questão social, os católicos *ilustrados* parecem-se a uma operação matemática: errando os dois primeiros algarismos do dividendo e o primeiro do quociente, podeis estar certos de que a operação está toda errada.

Assim são eles: si lhes admitis a primeira premissa, tendes forçosamente de aceitar-lhes a filosofia inteira.

Mas não: — A questão social não é uma questão moral ou pelo menos religiosa; e quando mesmo fosse moral, d'áí não se poderia inferir que era religiosa, porque hoje, todo o mundo o sabe, a moral constitue uma sciencia independente da religião.

Destruído o primeiro sofisma, facil é arruinar o edificio todo. Mas, impetentes como sempre, insistem: — «A questão social ha de ser resolvida pela Igreja», ao que podemos replicar-lhes:

— Mas então, que fez a Igreja nos seus 20 longos séculos de dominio?

Contra factos não valem argumentos, e o remedio é calar...

Após os católicos, surgem seus *queridos irmãos*, os protestantes, os quais nos ensinam que a Questão Social ha de ser solucionada pelo evangelho ou *cristianismo puro*, como costumam dizer; mas, como para nós não ha cristianismo puro, nem impuro, porque todo é um só, eis porque tambem lhes perguntamos:

— Que fez a Reforma desde 1518 até 1913, isto é, em 395 anos, em próf da questão social? Tres vezes nove, vinte e sete, nove léra... Nada! E' o que fez o protestantismo em face da Questão Social. Adiante.

Agora são os espiritas, que por boca de seus arautos vem dizer-nos que nós, operarios, «devemos estudar o Espiritismo, em cuja moral assenta o socialismo cristão (que burla! socialismo cristão, como anarquismo católico!), no qual encontraremos a solução de todos os problemas que até hoje temos empreendido resolver pela violencia — inutilmente». (Vianna de Carvalho, conferencia, inserta no *Reformador*, tom. XXX, pag. 378).

Assim, católicos, protestantes e espiritas, todos nos querem salvar... *gratuitamente*; e notai que, comquanto discordam entre si, todos nos aconselham que sejamos obedientes, submissos e resignados, porque «quanto mais sofremos cá na Terra, tanto mais gozaremos no céu»; hipocrisia miseravel, que é preciso repellar enérgicamente! Aconselham-nos o amor ao trabalho, mas eles não trabalham; o desprezo ás riquezas mundanas, mas eles acumulam fortunas; a abnegação e o sacrificio, mas eles moram em bons palacetes rodeados de todas as comodidades; a submissão e a humildade, e são orgulhosos e arrogantes; emfim, condenam a violencia, a revolta dos explorados contra os exploradores, e quando a eles lhes apraz promovem sanguinolentas guerras, nas quais perdem a vida, sem saber porque nem porque não, milhares de proletarios!

Corja de hipocritas! Sucia de bandidos!

«Nada de violencias nem arruaças, que isso é muito feio» — assopra-nos aos ouvidos a actual desordeira e crapulosa burguesia, descendentes daquela outra burguesia arruaqueira e violenta do século XVIII, que depois de roubar e assassinar os nobres e prelados, enganou o povo com falsas promessas que nunca cumpriu. Ora, têm graça os desordeiros falarem em ordem e os gatunos terem medo de que lhes tomem o que roubaram!

Mas vamos aos caso. A Questão Social permanece de pé; trata-se de resolve-la; como?

Em primeiro logar definamos os termos: Que é a Questão Social?

Em a nossa opinião, é o eterno antagonismo dos interesses materiais entre os homens; as divisões e desigualdades economicas entre os mesmos em todos os tempos e paizes; a prepotencia de um arrogando-se o direito de governar os outros: os medonhos sacrificios e sofrimentos d'uma imensa maioria em beneficio exclusivo d'uma pequena minoria; a actual luta entre governantes e governados, ricos e pobres, patrões e

operarios, traduzida em grêves, represões e perseguições, miséria, embrutecimento, odio e mal-estar geral. Eis a Questão Social.

Convencidos como estamos de que a Questão Social tem a sua *causa directa* no antagonismo de interesses, nós, os anarquistas, proclamamos que enquanto esses interesses não fôrem harmonizados, os homens estarão sempre em luta entre si, isto é, a Questão Social existirá; e para atenua-la ou mesmo modifica-la, de nada valerão sistemas religiosos, filosóficos ou politicos, que no fundo não passam de paliativos, panacêas, bur-las emfim, para encobrirem a realidade dos factos. Até hoje — e para o futuro ainda menos — de nada têm valido todos esses sistemas: Brama, Buda, Confucio, Jeová, Cristo, Maomed, Allan Radec, todos fracassaram, todos faliram nas suas morais, nos seus conselhos, nas suas perdições, nos seus intentos. Todos charlatães, impostores, espertalhões! Igualmente fracassaram a Igreja, os padres, os nobres e a Reforma protestante do décimo-sexto século. Já tambem fracassou a burguesia e com ela seus proximos irmãos — os socialistas autoritarios.

Porque é que todas essas *eminencias* não resolvem, solucionam mesmo, a Questão Social?

Pois que? Não são todos uns *sampieterrões*?

Todos querem resolver a Questão Social *sem violencia*, todos condenam a violencia e não obstante todos devem a sua posição á *santa violencia*. Pela perseguição e a violencia, a Igreja arruinou e destruiu o paganismo, que certamente valia mais do que ela; pela violencia e a força bruta, os bárbaros, pais dos nobres, apoderaram-se da Europa e a repartiram entre si; pela perseguição e a violencia inquisitorial, a teocracia católica romana conseguiu dominar os povos durante 16 séculos; pela rebelião, a perseguição e a violencia, conseguiram os protestantes emancipar-se de Roma e manter o seu odioso despotismo na Suíça, Inglaterra, Holanda e Estados Unidos; pela violencia e a perseguição, lograram os conquistadores europeus implantar a sua pótre civilização na América; pela violéncia, a perseguição, o roubo e o assassinato, exterminou a burguesia a antiga pobreza e o clero, e é ainda pela violencia organizada que a actual burguesia consegue manter-se no poder!

Sempre *a santa violencia*! E' a fé que tem dado surprehendedentes resultados!

Entretanto, os anarquistas nem são violentos, nem querem a violencia, não obstante poderem demonstrar com a Historia, como acabamos de fazer, que ela é quem tem solucionado e consagrado todos os conflictos de ordem económica, que outra coisa não tem sido as lutas da Humanidade, acobertadas muito embora com outros nomes. O emprego da violencia justificou-se ainda com o iniquisicão, a destruição dos nobres e da casta clerical do século XVIII e as guerras da independencia dos povos.

As revoluções, pois, com suas inseparaveis violencias, são fenômenos historicos independentes da vontade dos homens, mas indispensaveis ao seu progresso. O Anarquismo, como fica dito, não sabe nem propaga a violencia; mas, deseja pelos ensinamentos da Historia como muito bem que os grandes problemas sociais que verdadeiramente interessam ás classes produtoras nunca se resolvam *pacificamente*, eis porque se vê forçosamente obrigado a aceita-la.

Eis porque nós rimos das transações efêmeras entre o Capital e o Trabalho das momentaneas e aparentes harmonias entre patões e operarios; da imposive; fraternidade dos homens que os charlatães religiosos exigem. Nada: Nada, quanto existir o *meu* e o *teu*; enquanto me governares; enquanto tú tiveres o superfluo e eu carecer do necessario; enquanto eu estiver a morrer de excesso de trabalho e tú não movessem nem uma palha; enquanto, emfim, tú, que nada fazes, possuíres *tudo*, e eu, que morro de cansaço, não tiver *nada*. Jámais haverá paz entre nós!

Burguezes e socialisteiros: quereis harmonizar o inarmonizavel, que é o mesmo que exigir de um homem suado exposto a uma corrente de ar, que não se constipe, como muito bem diz Faure; pretendes immanar os homens, quando tudo conspira a mantê-los em perpetua guerra; atacaís os efeitos sem todavia dar-vos ao trabalho de investigar as causas. Podeis continuar, mas ficai sabendo que a vossa obra é perfeitamente inútil!

E vós, charlatães religiosos, bonzos de todos os feitos, impostores de todos os tempos — católicos, judeus, maometanos, protestantes, espiritas e maçons,

tambem podeis continuar pregando e fabricando moral, preceituando bondade, inculcando abnegação e desinteresse, ensinando abstinencia e temperança e predicando amor entre os homens, que tudo isso de nada valeu, nada vale e nada valerá. A Questão Social não se resolverá com palavras mas com actos.

A burguesia — como diz Vaccaro — jámais consentirá em abrir mão, boamente, de seus privilegios; quem mantem estes é o principio da autoridade, e abolindo esta cáem aqueles. Eis, pois, a Questão Social resolvida. Mas esta obra tão colossal está reservada ao — ANARQUISMO.

José Martins.

## Burguezes malparados

### Os trabalhadores aprendem a lutar

A' força de propaganda e de experiencia os trabalhadores aprendem a conhecer a injustiça da exploração e dos exploradores, e a lutar contra eles com procedimentos contundentes.

E' o caso que a companhia da Estrada de Ferro Santo Antonio de Juquiá considerou-se no direito de obrigar os operarios a trabalharem para ela gratuitamente.

Se a justiça actual fôsse uma verdade a autoridade teria metido na cadeia, processado e condenado os directores da Empresa, pelo crime de roubo, com todos os seus agravantes.

A justiça juridica estabelecida basea-se, porém, nos direitos ou privilegios da classe capitalista, e tem por fim defender esses direitos, os direitos de propriedade, de exploração ou de roubo, arrancando ao trabalhador o seu suor, as suas energias, o seu pão, a sua dignidade.

Os trabalhadores roubados pela Companhia resolveram fazer a sua justiça, a verdadeira justiça, e apresentaram-se ao director geral exigindo o salario correspondente ameses, que haviam trabalhado, e cujo pagamento inutilmente esperavam. O director geral respondeu insolentemente aos reclamantes e estes não andiveram com meias medidas: — não querem pagar-nos com dinheiro, e pretendem matar-nos de fome? pois bem, pagarão com o corpo, e virão fazer-nos companhia...

E o bandido, assassino dos trabalhadores, foi por estes ajusticiado.

Para dar caça aos honra-los trabalhadores, que souberam agir em defesa da sua vida e da vida dos seus filhos, a autoridade, servente dos, ladrões mandou tres praças, que foram por eles recebidas com descargas de fusilaria.

Dois dos magarefes policiaes fôram feridos, um dos quais gravemente.

Em precipitada fuga voltaram a Iguape, onde choraram aos seus chefes a sova que haviam recebido.

Fôram caçar e saíram caçados.

A imprensa burguesa, entre ella o «Fanfula», com a fôbia que lhe é propria, qualificou de perigosos, turbulentos e temiveis delinquentes os operarios que não se deixaram extorsionar impunemente e que defendêram os seus direitos com o unico meio ao seu alcance: a violencia.

Essa mesma imprensa está calculando estes companheiros: diz que de operarios se trasformaram em salteadores. Ela está fazendo correr o boato de que as populações de Iguape, Prainha e Juquiá, temem um assalto dos operarios armados.

Dizem os burguezes que quem não deve não teme, e neste caso, somente os capitalistas, que vivem do roubo legal, podem temer a expropriação.

Como se vê a imprensa burguesa está preparando o terreno para justificar uma vingança, um massacre total dos rebeldes, pre-

parado pelos representantes da burguesia.

O capitalismo rouba e o Estado mata. Estas são as duas funções do regime estabelecido. O proletariado é victima de uma e de outra.

Mas, se esses valentes companheiros fôrem exterminados pela milicia dos caçadores uniformizados, muitos outros aprenderão a empunhar as armas e a derrubar cabeças de tiranos e escravocratas.

A lei de talião impera, e conforme somos tratados assim temos que responder.

Nesta possivel ecatombe o proletariado tem uma tremenda responsabilidade, pela sua culplicidade indirecta, porque todos os trabalhadores neste momento, deviam estar com as armas na mão defendendo esses companheiros — que com galhardia souberam lutar em prol dos direitos comuns a todos os explorados, — e unindo-se a eles para repellar a acção macabra dos prepotentes.

Os valentes, os erois, os rebeldes, devem despertar a grande legião proletaria, traze-la ás lides pela redenção humana.

A grei dos iconoclastas e revolucionarios não pode deixar-se dominar passivamente pelos salteadores legais.

## Rebeldes, não submissos!

(Conclusão)

Os que calam fazem-no em sinal de submissão, nunca de rebeldia, porque o rebelde protesta, age e escuta, revolucionando as consciencias, convulsionando os cerebros.

Ainda ha pocos dias numa fábrica de calçados desta capital, foi um operario esbofetado pelo mestre, pondo-o aos pontapés fora da recinto da dita fábrica.

Os motivos? São graves! Estava fumando um cigarro na privada.

Os seus companheiros, envez de protestarem, optaram por uma estridente gargalhada.

Tal proceder revolta, indigna e provoca um movimento de solidariedade, mas não havia no ânimo daquele rebano de *carneiros* a mais breve noção de acção directa, do sindicalismo, e si ha é letra morta.

Para eles as organizações operarias é questão que deve ser discutida... por quem? talvez per Gordo.

Entre esses operarios deve ter ganhado terreno a modestia da adulação, que os arrasta constantemente ao degráo da mais baixa e repugnante bajulação.

Porem, tais violencias iniquas e desumanas é a primeira vez que se dão? Não. Mas agora com a protecção do aborto da legislação Gordo, os vampiros do póvo vingar-hão seus escravos.

E ante tão devastador furacão governamental, agora no começo duma reacção que já determinou as suas victimas que são todos os trabalhadores que não se conformam com as exigencias e violencias dessa ladra e je suifica legião que assassina, deporta e viola domicilios, pagando com o producto do seu crime as referencias honrosas da imprensa prostituta e as cantilenas dos seus agentes no exterior, agora que chegado o momento critico: o que, deveis de fazer vós operarios, que difendei os mais sagrados principios de liberdade, homens que considerais de grande valor a vossa dignidade, o vosso caracter e a vossa causa; que condenais o atropêlo aos vossos indiscutíveis direitos á vida, ao viver feliz?

Acaso nós que somos os filhos da plebe, como tais devemos manter a nossa attitude de submissos, tremulos, cobardes e mudos como esfinges? Não. Rebeldes como o oceano nas noites de tempestades; fortes como o rochedo, enfrentaremos o inimigo com denodada galhardia, opondo a boca dos canhões a muralha invulneravel da nossa solidariedade.

Preparemos as nossas populares para o dia da vindicta social em que se ha de espantifar o actual edificio de opressões e iniquidades, sob cujos escombros vegetará a viçosa e verdejante a arvore da igualdade e da fraternidade humana, tendo como fructos a Paz e Amor e a Liberdade.

A' rebelião precede a victoria. A submissão deprime e amesquinha os sentimentos do homem.

J. M. BUENO.

S. Paulo

# La Barricata

PERIODICO ANARCHICO

## Nel più libero paese del mondo

Le atrocità della Polizia paolistana e la ormai celebre Legge del famigerato Adolfo Gordo

Se in un paese dell'Europa si tagliassero le orecchie agli uomini che hanno la disgrazia di cadere nelle mani di un funzionario pubblico; se, per divergenze personali, si bombardasse una città popolosa — tutto il pubblico griderebbe alla barbarie e reclamerebbe, dai poteri costituiti, misure energiche per finirla con simili atrocità; dopo forse nelle piazze delle capitali, col consenso di tutti, il boia mozzerebbe la testa di un ribelle; impicchierebbe chi avesse voluto con un pugnale, una bomba o una rivoltella vendicare il secolare oltraggio, o fucilerebbe chi pretendesse riprendere con la forza il pane che con la forza gli fu tolto.

Se nel più barbaro paese d'Europa si rinchiudessero, senza alcun motivo, nelle latrine delle prigioni e per più giorni, uomini che non hanno commesso alcun delitto, e li si lasciasse senza mangiare e li si picchiasse a sangue e li si bandisse dalla terra dove hanno figli e nepoti, dove lasciarono la loro gioventù, le loro forze; il proletariato andrebbe in piazza a protestare, a versare il sangue che tardi o tosto sarebbe vendicato da qualche generoso eroe.

Se un'autorità rubasse al popolo o allo erario con tanta sfacciataggine, da non lasciare alcun dubbio sulla sua disonestà; se avvocati e giudici fossero ingannati ogni giorno — nell'esercizio delle loro funzioni — da un capo di polizia o da un suo subalterno, tutta la potente classe degli avvocati e dei giudici tanto strillerebbe che il capo di polizia, o chi per lui, dovrebbe rispondere del delitto di lesa autorità.

Se un'associazione operaia fosse assaltata dai briganti che tutto rubassero e bruciasero; e che questi briganti bastonassero i componenti di detta società; se, come selvaggi armati fino ai denti, entrassero, di notte, nelle case di pacifici operai, e bastonassero donne e fanciulli, e insultassero le figlie e le mogli degli affaticati lavoratori, tutti protesterebbero, insorgerebbero contro tanta malvagità e farebbero forse la rivoluzione.

Tutto questo, invece, al Brasile è permesso.

Si sequestrano liberi cittadini e non se ne dà notizia alle loro famiglie che vanno implorando pietà da un posto di polizia all'altro, dall'una all'altra redazione di giornali.

Si assaltano le società operaie, si ruba e si incendia tutto ciò che in esse si trova, s'imprigionano i loro membri e li si lasciano 3, 4, 5 giorni senza mangiare, e poi li si mandano al loro paese o, peggio ancora, a Itapura.

Si arrestano senza motivo decine di operai e poi si fan loro pagare 2:500\$000 per l'*habeas corpus*.

Tutto ciò è orribile, ma vero. La polizia paolistana è giunta al suo *diapason*; ha bastonato un uomo mentre a rischio della propria vita teneva colle tenaglie un filo elettrico che poteva fulminare i passanti; ha morsicato un altro mentre saliva sul carrozzone che lo doveva portare alle carceri per aver domandato che cosa era avvenuto; ha massacrato un individuo dopo averlo quasi idio-tizzato; ha deportato nelle regioni pestifere vecchi e inabili al lavoro; ha fatto tutto quello che il più turpe, il più schifoso, il più abietto fra gli animali non farebbe.

E nessuno s'è mosso. Nessuno ha sentito la vergogna salirgli al viso.

La vigliaccheria ha prostrato tutti, annientato tutto; la dignità umana, il senso della propria umanità calpestate non ha più alcuna forza sulla coscienza degli uomini.

E poi ci sono dei compagni che invece di fare qualcosa, ci accusano di non saper scrivere. O' turpe delitto non saper scrivere! Non arrossiamo però per non saper scrivere; nessuno ci ha potuto mantenere, e noi non potemo logorare i banchi delle università.

Troppo presto conoscemmo le fatiche del lavoro estenuante a cui ci assoggettammo per guadagnare il pane quotidiano.

Le nostre mani sono incallite e non abitate alla penna; la miglior parte di noi l'abbiamo lasciata nelle officine, nei cantieri, sulle armature dei sontuosi palazzi costruiti per gli altri; e se sulla carta non sappiamo

imprimere in bella forma il nostro pensiero, ciò nullameno siamo convinti d'aver compiuto il nostro dovere, mantenendoci liberi ed onesti malgrado tutto; abbiamo la certezza d'essere giusti anche senza saper scrivere come i letterati, poeti, filosofi e giornalisti di professione.

Non sappiamo scrivere, e sia; ma pensare, sentire, distinguere il bello dal brutto, il bene dal male, lo sappiamo pur noi, e non solo distinguere e pensare, ma dire ciò che pensiamo, quel che vediamo, che cosa vogliamo; e quando si tratta di difendere un oppresso, salvaguardare un diritto, proclamare una verità, una giustizia e farle rispettare, quando bisogna combattere un male, noi siamo là all'avanguardia, esponendo i petti al nemico, incitando con la parola e l'esempio i ritrosi, gli invigilachiti.

Noi non manchiamo mai. Siamo i primi a combattere, gli ultimi a ritirarci; i primi a protestare e subire le conseguenze della protesta; gli ultimi a godere la pace e la stima dei compagni.

Il nostro compito è di combattere e noi combatteremo fino alla completa vittoria della verità e della giustizia. Vengano esse da dove si vuole, purché la verità e la giustizia trionfino.

Nelle ore in cui gli altri vanno a divertirsi (?) nelle bettole o ai balli, noi pensiamo e propaghiamo le nostre idee; noi vogliamo che la nostra causa, che è la causa di chi lavora, trionfi!

Noi operai dobbiamo pensare, agire, se vogliamo abbattere questa società.

E noi si fa ciò che si può, ciò che sappiamo.

Gli operai, è vero, ci voltano tante volte le spalle, ma più volte ci perseguita il ghigno dei superuomini che trovano più comodo starsene beatamente in casa a salvare la pancia per i fichi.

Nelle masse manca la fede nelle proprie forze e per questo molte, troppe volte le più nobili imprese naufragarono.

La Comune di Parigi annegò nel proprio sangue, perché non aveva fede in sé stessa.

La rivoluzione catalana pagò col sangue dei rivoluzionari il suo eroico atto, perché le mancava la fede nella sua forza, nel suo diritto.

Tutte le rivolte furono represses, perché alle masse mancava la fede.

Noi abbiamo fede nel nostro diritto, nella giustizia e sebbene non sappiamo scrivere, accusiamo quelli che sanno e non scrivono di un delitto ben più grave del nostro.

Accusi mo gli intelligenti, gli operai, gli onesti, di complicità in tutto il male che qui si commette.

Vi accusiamo di aver permesso l'imprigionamento, l'espulsione, la deportazione di centinaia e centinaia di lavoratori.

Vi accusiamo di diserzione dal campo operaio nell'ora più negra che la storia del Brasile registri.

Noi non sappiamo scrivere, ma, sempre pronti a tutto, sputiamo sulla faccia dei criminali nazionali e stranieri tutto il nostro odio, il nostro disprezzo, e denunziamo al mondo civile i loro delitti.

RINATO.

Os patrioteiros da finança, da política e da policia, enlurecem-se sempre qua algum homem civilizado, nascido em outra terras, propaga aqui as luzes da nova civilização.

O Brasil, bradam os jacobinos, não precisa das idéas dos estrangeiros para civilizar-se: — vão preparar lá na sua terra.

Isto acontece quando se trata de ilustrar o povo. Tratando-se porem de favorecer o governo e a burguesia a questão é inversa: todos os estrangeiros são poucos para ensinar os filhotes cada terra, que precisam saber viver, isto é saber avançar no alheio e vencer a resistência dos escamoteados.

Anos atrás, o patriótico governo paulista alugou varios officiais franceses para ensinarem a indiatá policia a metê o facão no paisano.

Agora acaba de chegar a esta cidade um mastim de boa raça, chamado Reiss, que veio importado da Europa, para instruir os caçadores secretos e os delegados do crime, na sciencia de atrair os pacíficos viandantes no fundo das delegacias, provando com exames antropopiticos, que são criminosos natos.

Dentro de poucos dias veremos os agentes prender os anarquistas e passarão a todos, o diploma de delinquentes porque... são anarquistas.

Estamos de parabens. De hoje em diante não haverá mais roubos e assassinatos; esses dois elementos sociais serão monopolizados pela gente de cima.

As revoluções, as grèves e as reclamações populares, terão deixado de perturbar o socego da grande familia acomodada. Graças a deus tudo andrà ás mil maravilhas.

Viva a patria! Viva a Republica!

## La Schiavitù Operaia

Il depauperamento della classe operaia

Da parte dei sostenitori del capitale è un abominio, un'infamia del XX secolo, e urgerebbe mettere un argine a sì scandaloso abuso, caso contrario se la nostra viltà ci predominerà in un lasso di tempo più o meno lungo, ci vedremo costretti con grande soddisfazione dei nostri oppressori a ridurci in uno stato deplorevolissimo di schiavitù, vivere brutalmente come le bestie, causa lo sfolgorante sfoggio della crescente classe dominante, che con ammirabile sfrontatezza si presentano i componenti ad ogni propizia occasione al pubblico con false promesse, dichiarandosi tutti, ciascuno per i propri interessi, i veri difensori dei lavoratori e che messi colla massima ingenuità alla prova diventano i più formidabili puntelli della borghesia, i più accaniti nemici del progresso e dell'umanità oltraggiata, gli autentici ladri e assassini del proletariato, il produttore di tutte le ricchezze.

Per le suaccennate ragioni, bisogna scuotere fortemente la società attuale fin dalle sue viscere, costringendola a cedere le armi, abbassare il suo ingiustificato e stupido orgoglio, annientare la sua potenzialità e rinnovare le basi della nostra vita, sostituendo a questa borbottante e decrepita società borghese una nuova e promettente società, giovane nelle sue aspirazioni, grande nelle concezioni e imparziale nelle sue funzioni, che redima il mondo intero dai banditi in frack, una società dove tutti si sentiranno felici e contenti lavorando d'amore e d'accordo, aiutandosi a vicenda senza bisogno di perniciosissimi intermediari, infine una società formata di esseri liberi, basata sull'uguaglianza e fratellanza dei popoli; in una parola sostituendo all'attuale regime borghese e camorristico, un regime libertario o anarchico.

Le aspirazioni umane non si realizzeranno mai con le chiacchiere dei politici, che per il loro egoistico interesse tengono le masse operaie a bada con inattuabili promesse, ma bensì con il nostro proprio sforzo, con il rombo della dinamite, con il lucicchio del pugnale di un Cserio e con le palle errabonde di un Gaetano Bresci!

Il più piccolo passo avanti del progresso costò ai nostri antenati degli immensi sacrifici, persecuzioni, carcere, torture e la propria vita immolata sull'altare più che sacro dell'Idea che volevano tenacemente realizzare.

Tutte le istituzioni governative antiche e del medio-vo, s'ingigantirono con la conquista, colla violenza, con l'astuzia e con l'assassinio; e le contemporanee che pretendono avere la preferenza sulle antepassate, legiferando riforme, conforme l'esigenza del popolo sovrano, non sono né più né meno che uguali e anche peggio, perchè s'immissionano, non richieste, in tutte le manifestazioni della nostra vita.

Dalla culla alla tomba ci serrano nei cerchi delle loro ferree leggi, senza speranza di liberarcene, se l'operaio con un sovrumano sforzo non atterrerà la decrepita e tubercolotica borghesia, e con essa le diverse specie di governi uniti alle schifosissime religioni, focolari di massacri umani e di prostituzione, che idiotizzano i cervelli delle donne e dei fanciulli.

Solo così l'umanità sarà salva!

Lo schiavo di oggi deve ribellarsi all'aguzzino, spezzandogli sul muso la catena

della schiavitù secolare; e l'uomo libero non deve tremare, né fingere, simulando ciò che non sente davanti ai potenti della terra e sostenere invece liberamente le proprie convinzioni e propagarle senza sotterfugi né mezzi termini, né tampoco retrocedendo di un sol passo nel suo faticoso cammino di emancipazione, di fronte a possibili ingiunzioni fatte in generale dai capitalisti e nella maggioranza dei casi dai cosiddetti «Pidocchi Rifatti».

Analizziamo ora, alla sfuggita, le diverse fasi della miseria, di questo mostruoso cancro che corrode la desolata umanità.

Principiamo coll'osservare attentamente i poveri lavoratori dei campi, che da mane a sera nella stagione estiva sotto le sferzate del solleone che brucia loro orribilmente le carni, e nel crudo inverno esposti all'intemperie, forniti d'insufficienti indumenti, lavorano senza posa, in un lavoro bruto e micidiale per isfamare la misera famiglia e arricchire questi infami Mefistofeli del capitale. Sono delle macchine automatiche irrimediabilmente, con il viso ingiallito e avvizzito per le dure privazioni, macilentissimi, e con degli squallidi occhi dove sta impresso il segno indelebile del dolore e della disperazione. Le povere compagne, i figli mal vestiti e peggio ancora alimentati, con il sangue impoverito quasi privi di globuli rossi, costretti dalla necessità ad aiutare il povero marito e padre, per non trovarsi nelle dure condizioni di morir di fame. La sera poi estenuati di forze, appena giunti nelle loro catapecchie, si abbandonano il 90 per cento delle volte sul duro giaciglio senza volontà di aprir bocca, per rinfocillare l'indebolito stomaco e rinforzare la sconquassata macchina umana.

Questo è semplicemente un pallido riassunto della vita che conducono in generale i lavoratori delle campagne. Però dobbiamo con ciò riconoscere che è una atrocità senza nome, il vedere migliaia e milioni di lavoratori che strappano alla terra col fecondo sudore della fronte e delle braccia, dell'immense ricchezza in alimentazioni di primissima necessità, per arricchire un'accozzaglia di sfruttatori e di vagabondi che nulla al mondo hanno prodotto di utile, ed essi i poveri contadini languire nella miseria e essere ciecamente soggiogati da questi meseri, è spaventoso, è mostruosamente disumano, destando nelle coscienze libere una espansiva e compassionevole pietà.

Gli operai della città si trovano nelle identiche condizioni di quelli delle campagne e forse peggio, causa la continua fiscalizzazione di aguzzini, degni tirapiedi dei loro padroni.

Entriamo, per esempio, in una miniera dove lavora un certo numero di operai, sepolti vivi per circa 10 ore al giorno nelle viscere della terra, privi di aria e di sole, respiranti emanazioni mefitiche, avvelenati dai gas ed esposti in tutte le ore al pericolo della morte per arricchire gli ambiziosi ed insaziabili vampiri oppressori, e assisteremo ad una «film» cinematografica delle più terrificanti.

Ammirateli questi infelici, quando escono da questi tetri sotterranei, stanchi, sudati, sporchi e affamati, muovono talmente ribrezzo da incrudelire maggiormente il nostro cuore, maledicendo questa società che ci sgoverna, composta da una combriccola di malviventi e di predoni!

Lo stesso si può affermare di tutte le altre categorie di mestieri, dove si lavora da bestie retribuiti con salari di fame.

I più orribili però, i più maltrattati e i meno remunerati sono indubbiamente quelli delle fabbriche di tessuti, onde si lavora 12 e anche 14 ore al giorno senza riposo.

In questi ergastoli si vede crescere la povera infanzia, anemica, emaciata, sparuta e rachitica, vittima della miseria dei genitori che non perdona. La ricompensa è di pochi spiccioli, dai 500 ai 600 reis al giorno. E' un insulto atroce ai cenci, e ai padri di questi piccoli straccioni. La loro mingherlina costituzione non permette di affrontare dei lavori inadeguati ai loro tenerissimi organi, e se per fatalità non soccombono nello sviluppo per l'eccessivo lavoro e deficienza di nutrizione, vivono una vita di stenti e di tribolazioni per contribuire al mantenimento dei loro fratellini che in casa attendono il duro pane quotidiano.

Esaminiamo, analizziamo questi fatti che affliggono l'umanità sofferente e vediamo se realmente gli anarchici esagerano, quando combattono senza tregua, questa società egoistica, che riduce i nostri figli in scheletri viventi, infermi di corpo e di

mente, cresciuti nell'ignoranza e allevati nei miasmi, nella putredine e nella miseria; e le nostre compagne, oltre agli innumerevoli sacrifici come mogli e madri, debbono per la necessità di sostenere i figli privi di padre, darsi alla prostituzione, in causa di questo pestifero ambiente, dove tutto è corruzione, dove tutto è losco interesse e ladrocinio, in beneficio di questo letamaio borghese.

Compagni operai, muoviamoci, agitiamoci, ribelliamoci, perdio, che è tempo!

Mettiamoci una buona volta per sempre e sul serio all'opra, che l'avvenire sarà nostro!

SCIPIONE DEL MORO

Itù, 3-6-1913.

## La verità in torno l'ultima Carnificina di Ettangi, e la Vergogna dei giornali ufficiali

La giornata di Ettangi dello scorso maggio è — e resterà — una pagina di storia vergognosa, di triste memoria come quelle di Abba. Garima di Adua, di Sciarra-Sciat, di Bengasi e di tanti e tanti altri paesi.

Si, resterà il triste ricordo, e dalla nostra mente mai si cancellerà quell'odio implacabile che nutriamo per gli ignobili assassini, massacratori, per i condottieri responsabili di questo macello.

Siamo al colmo! dal nostro cuore trabocca l'odio ferace, la penna ci trema tra le dita, ed a stento si presta al suo dovere.

L'ira e la collera nostra contro questi novelli Tarquemada è indescrivibile. Questi rettili melmosi col pretesto di portare la civiltà a quelli che ci hanno insegnato l'A. B. C., portano la fame la peste, lo sconforto, il pianto, il tutto la miseria cronica, l'avvilimento sui due terzi dell'umanità.

Le guerre civili, o coloniali che siano sono sempre dannose sotto tutti i punti di vista.

Del resto, io, come amante del bello del buono, e del giusto non posso che esprimere la mia indignazione contro quest'impresa cannibalesca, barbara ed inumano e voluta da quel delinquente, teppista e turpe assassino ch'è Giovanni Giolitti.

Oltre l'odio che noi proviamo al cospetto di tali crudeli e barbare imprese proviamo anche una certa soddisfazione per il semplice fatto che, si avverano le nostre apprensioni affermate un anno fa (Sall'avvenire A.) allorché il Volpi e compagni... firmarono il trattato di pace al grand'hotel «Lean Rivage» di Losanna, e cioè che la pace è fatta fra i pour-parler della dinastia Italo-Turca e no fra quelli che della guerra i debbono portare le triste conseguenze.

Del resto finché vi saranno degli uomini incoscienti, (e da voi abbruttiti.) disposti a farsi uccidere, il giorno della pace sarà pur troppo lontano.

Quando si pensa — è sconsolante — a quanto si è scritto, parlato, e gridato inutilmente, contro questa sanguinosa e pazzia impresa, per poi vedere ogni giorno dei nuovi macelli, davvero ci cagiona un fremito di raccapriccio e d'orrore, e vorremmo in un soffio terribile spazzare via questa infangata e decadente società di ladri.

Compagni, noi, chi più e chi meno, abbiamo detto o scritto qualcosa, e non ebbimo risultato, o che noi non sapemmo spiegarci o che il popolo (?) non ha voluto comprenderci:

Perciò voi dovete convenire con me, col dire: la parola, le maledizioni, le imprecazioni, e le bestemmie dette o lanciate contro il nemico borghese non saranno mai capaci di ridare la vita a quei 2500 uomini morti sul campo di Ettangi. (E gli altri mille e mille?)

E gli altri? Chi lo sa? dispersi, morti, feriti o prigionieri.

In una parola fu un vero macello umano.

E dire che i cosiddetti giornali ufficiali portavano (sfacciatamente) i soliti comunicati: strage di nemici, vittoria delle nostre armi, coraggio e prodezze delle nostre truppe ecc. ecc.

Le nostre perdite sono appena sensibili: 79 morti, 287 feriti, e così via.

O illustri strapazzacani e fedeli servi di casa Sabauda, a nome della «vostra» morale siate — per favore — un po' più sinceri, dateci come risultato il 10 per cento sul numero delle vittime, e sempre sarebbero trecento no 79 come la sfacciataggine vostra vuol farci credere.

Sorelle, spose, e madri del mondo intero quando vorrete imporvi a queste fiene assetate di sangue l'alto là?

Quando vorrete cessare di generare dei figli per poi abbandonarli ciecamente, e incoscientemente nelle mani assassine di quel spaventevole mostro che è il militarismo?

Dite, dite sinceramente quando sentirete vergogna della vostra inettitudine, quando sarete stanche di sopportare l'eterna catena della schiavitù secolare delle leggi e del marito?

Quando sentirete l'eco lontana delle voci dei vostri figli barbaramente, selvaggiamente, vigliaccamente trucidati sui campi di battaglia per difendere gli interessi ed il capitale dei nostri nemici e dissanguatori?

Quando vorrete cessare di piangere, d'imprecare, di bestemmiare, e di maledire senza avere né la forza, né il coraggio di vendicare voi ed i vostri figli?

Il solo mezzo per vendicarli è quello d'aver tra l'ugne quegli ignobili, tristi, e macabri strumenti di repressione umana che sono i generali Mambretti, Salsa, Tassoni, Gariotti e qualche Ragni per far loro provare le gioie della corda o l'odore acre della polvere che l'odiosissimo C. Caneva fece provare a centinaia e migliaia di turchi, arabi, beduini e italiani, e fra questi anche il nostro compagno Marino Bergonzini un anno fa nella infuocata terra Libica.

Ma lasciamo la rettorica e veniamo ai fatti.

E' permesso? Spero di sì.

Questa è la volta dei pennaiuoli venduti a un tanto la riga alla stampa ufficiosa, i quali gridarono — e gridano — ai quattro venti, le grandi vittorie delle truppe italiane.

Signor Fanfulla che ne dite a proposito? voi che coi vostri telegrammi particolari e ufficiali non esitate a darci — con paroloni — le vergognose e spudorate menzogne portando ai sette cieli l'eroismo delle truppe italiane sul nemico?

Continuate pure coi vostri telegrammi speciali a fare gli elogi delle feste, (bene illuminate) che si fanno a Tripoli per la rivincita su Ettangi.

Ma non sapete, o caro Fanfullone, quanto sangue, dolori, privazioni, e vite umane costò questa — piccola (?) — passeggiata militare?

Ma dite, dite sinceramente, o eterni turlupinatori d'un popolo paziente e bastonato, degni servi e lustrascarpe di quel Gennariello, l'avete una coscienza un cuore?

Noi se pure non abbiamo quella facilità dei fili speciali e delle filature armoniche, pur tuttavia siamo in grado di darvi del filo da torcere, non solo a voi ma a tutti i patrioti da strapazzo come voi.

Che voleva dire? Ecco, mi spiego subito: è un soldato dell'11.<sup>mo</sup> fanteria reduce dell'ultimo macello di Ettangi che parla e questo non teme smentita perché lui vi fu nel mezzo.

In quanti eravate sul campo di battaglia?

Cinque mila circa.

In quanti siete ritornati?

Siamo scappati — e, vergognosamente, in meno della metà.

I nemici quanti erano?

Potevano essere dai 2.800 ai 3.000.

Quali furono le vostre perdite?

Abbiamo lasciati otto cannoni, munizioni, armi, bagagli, e uomini nelle mani del nemico.

Dopo una corsa pazza e vergognosa siamo arrivati a Derna sfiniti e senza alcuna forma umana per le fatiche e la fame sofferta.

Il colonnello giunse alla sera senza un uomo.

Di cinque mila che eravamo partiti ci siamo ritirati in due mila.

Compagni e compagne, sappiate una volta per sempre che il pianto, la bestemmia, le maledizioni e simili palliativi sono troppo sterili, sterili come tutte le filosofie del genere, e mai sapranno rendervi quel pane, e quella libertà che i vampiri ed i lupi borghesi vi hanno tolto.

L'unico mezzo per conquistare i nostri comuni interessi è la rivolta generale, la fiaccola, il piccone, e la dinamite sono gli unici fattori della futura società umana.

E' l'incubo sbarazzino l'avete dunque dimenticato?

Per le vittime invendicate.  
Là, nel fragor dell'epico rimbombo,  
Compeusero sulle barricate,  
Piombo con piombo.

E' voi, o giovani coscritti, che incoscientemente o coscientemente andate

alla caserma rinunciando ai vostri interessi, abbandonando i vecchi genitori, morenti di fame e d'inedia per diventare ciechi strumenti in mano di un pugno di vecchi e giovani malfattori: quando vorrete capire che il nuovo e poco invidiabile mestiere ch'esercitate è tutto a vostro danno? E quando saprete adoperare quell'armi a beneficio del vostro interesse? A difesa del vostro diritto?

Io non lo saprei dire, la questione attuale è come la natura, più si studia e più diventa oscura.

So solamente che tutti i mezzi sono buoni per raggiungere il fine, fra questi è sempre da preferirsi il migliore e questo consiste nella concentrazione di tutte le forze proletarie.

Solo quando tutti gli operai saranno stanchi di sopportare l'eterna e secolare schiavitù sarà prossima la lotta ed il rovesciamento della società attuale.

Solo quando la classe dei paria, dei diseredati, dei denutriti assurgerà, solo allora splenderà il nuovo sole e sulle rovine del vecchio e decrepito mondo sorgerà la Comune proletaria.

Abbasso le frasi altisonanti le menzogne colorite di tutti i fanfulloni e dei venduti?

Evviva la sociaie!  
Rio de Janeiro 22-6-913.

DELLA-VESA VIRGINIO

## A conservação da existência

O sr. J. Silva, num bem elaborado estudo, pelas colunas de «Estado», pôz em evidencia os grandes males que resultam, para os organismos, da lenta mas turvel intoxicação (envenenamento) produzida pelo vício do fumo.

D'entre grande quantidade de molestias (doenças) resultantes do uso do fumo, que quasi sempre produzem a morte e, em todos os casos, encurtam consideravelmente a vida, o sr. J. Silva cita a dispepsia a neurastenia. Esta última é uma cofermidade terrível, pois que as suas victimas adquirem un caracter violentissimo que as transforma quasi sempre em criminosos.

E, coisa interessante, cita a seguinte frase do dr. Luis Pereira Barreto, sabio que, pelo seu saber honra altamente o mundo scientifico americano:

*Tire-se o cachimbo da bocca do operario europeu, e toda a Europa voará pelos ares em 24 horas!*

Fomem bem nota disto os camaradas que se interessam sinceramente pela regeneração humana, porque estas palavras foram escritas por um sábio, por um homem que dedica toda a sua vida a arrancar conhecimentos da Natureza, avara dos seus grandiosos segredos.

O males produzidos pelas bebidas alcoolicas, são por todos conhecidos.

O operario inteligente deve evitar a bebida e o fumo. Com isso só tem a ganhar. Ganha saúde, prolonga a propria existencia, gera filhos fortes e inteligentes, desenvolve maior actividade intelectual, tem idéas sempre mais claras, conversa com muita lucidez e naturalidade, é estimado por todos, impõe respeito aos adversarios e economiza dinheiro. O homem que dispense em ovos, leite, queijo, carne ou conservas o dinheiro que outro gasta em fumos e bebidas, ganha quatrocentos por cento em saúde e duplica ou triplica a duração da propria existencia.

Para a conservação da saúde, para a purificação do sangue não ha melhor droga, não ha melhor remedio do que a gua pura e cristalina, embora a alimentação não seja grande cousa. O homem que bebe de um litro a duas garafas de agua por dia, sem alcool e sem fumos, deve forçosamente gozar de escelente saúde. Comtudo, um caliz de aguardente uma só vez por simana faz bem ao organismo. Mas o fumo não é aconselhavel de forma alguma. O unico bem que ele produz é a desinsecção da bocca e dos dentes; mas para isto a farmacia tem remedio vinte vezes mais barato do que o fumo.

O que contribue poderosamente para o aniquilamento da existencia humana mais desgraçadamente talvez do que os vícios de fumar e de beber, é a propria organização social em que vivemos. Ela gera em seu seio as maiores calamidades que a humanidade arrostou sob si no doloroso percurso de sua existencia. Ela gera o crime e a prostituição, a degeneração e a morte — a morte lenta e a morte violenta, brutal.

Os interesses dos capitalistas e do governos fazem com que os povos se lancem estupidamente uns sobre outros, massacrando-se bestialmente, como só as feras humanas sabem fazer.

As condições privilegiadas dos ricos, dos capitalistas, dos que governam, ao lado da miseria das filhas do povo trabalhador, crea a criadagem, o concubinato, o relaxamento dos costumes, a prostituição ao lado da mais horripilante

te depravação moral. A mulher lançada na prostituição, ou fica horrivelmente corrompida até os miolos, ou acaba por engulir um vidro de creosoto, ou por atear-se fôgô ás vestes, perecendo na mais espantosa agonia. Destes factos temos uma meia duzia cada dia, relatados lacionicamente pelos jornais em seus noticiarios.

Os srs. J. Silva e Luis Pereira Barreto, que entendem tambem algo de sociologia, deveriam fazer um estudo acurado sobre este assunto com o mesmo desinteresse e desprendimento com que tratam das outras questões que interessam á conservação e prolongamento da existencia humana.

Com o seu alto saber, poderiam prestar grandes serviços ao povo de São Paulo e do Brazil inteiro, pondo-lhe ante os olhos a causas dos seus males.

Por exemplo: as condições privilegiadas de certos homens, permitem-lhes que corrompam as mulheres do povo; corrompendo as mulheres do povo corrompem-se a si mesmos ao mesmo tempo; uma vez corrompidos, levam a corrupção aos proprios lares, dónde resulta a confusão, a desordem e o crime em todas as classes sociais.

Daí resulta um grande desvio da actividade humana. O homem preocupado com as questões que afectam todo o seu ser moral o seu sentimento, a sua vida, a sua alma, põe de lado o progresso da industria, da mecanica, das ciencias e das artes, descuida, emfim, tudo quanto é necessario para a existencia colectiva, para pensar nas questões mais intimas o seu ser.

E' por isto que vemos homens que definham vagarosamente, longe do mundo e das cousas, tristes e taciturnos, abstraídos de tudo, que vão encontrar a morte no primeiro accidente que lhes acontece no primeiro abalo da sua saúde.

Quantas creanças nascem anémicas e raquíticas devido ao trabalho excessivo e deficiente alimentação de suas mães!

Quantas creanças vão ao túmulo por que suas mães, mal alimentadas, não tem leite e, ignorantes, dão-lhes de comer causos indigestas!

Quantas crianças são obrigadas a irem trabalhar precocemente nas fábricas, a fazer concorrência aos pais, para comer uma banana e uma fatia de pão duro, descalças e maltrapilhas, em vez de irem á escola e brincarem ao ar livre!

Quantas mulheres deixam a educação dos filhos á mercê da rua, afim ganharem alguns tostões para que não morram de fome!

Quantas centenas e centenas de milhares de pessoas são obrigadas a fazerem um trabalho excessivo em troca de uma alimentação que não pode compensar as energias gastas no trabalho, acelerando assustadoramente a sua morte!

Quantos milhares e milhares de pessoas contraem os báccillos das mais terríveis molestias no ar infecto e pestilente das pocilgas nauseabundas em que habitam.

Até que ponto rebaxou ao homem a sociedade do capitalismo!

E ilustrissimos srs. J. Silva e dr. Luis Pereira Barreto, já pensastes alguma vez sobre essas imensas calamidades, sobre tão dolorosas desventuras de que é vítima a humanidade? Pensais que com toda essa degeneração, a humanidade possa marchar de frente altiva, pelo caminho do futuro, na conquista de mais altos e nobres destinos? Se tendes orgulho de serdes brasileiros, julgais que o Brazil possa progredir com gente embrutecida e degenerada pelo sofrimento, e sobretudo, pela miseria?

Sobre este assunto de capital importancia é que deveis pronunciar-vos, como homens de ciencia, e não como servidores dos interesses momentaneos de seres pequeninos e apatacados.

Quando todo trabalhador tiver uma boa alimentação e um trabalho adequado ás suas forças, vereis como se accumulará, o fosforo em seu cerebro, produzindo uma bela chama de luz; então podereis falar-lhe dos prejuizos do fumo e do alcool e de outras tantas cousas perniciosas, porque sereis ouvidos e compreendidos.

Ma agora não. Eles vos não compreendem. O trabalho escravo, exaustivo, roubou-lhes todas as forças. Já não teem energia mental; em seu cerebro reina, soberana, a noite, a escuridão. A sua garganta resequida, pede alcool, o terrível veneno; os seus pulmões enfraquecidos e viciados pedem o toxico do tabaco.

O que eles precisam é de serem menos máquinas de trabalho; é de boa alimentação, é de casa espaçosa e higienica, de ar puro, de ambiente são, do ar puro e perfumado que desprende a verde folhagem, a florescente vegetação.

Lucas Masculo

## Leggete La Barricata

## Luta Social

### Classe dos operarios chapeleiros

Com numerosa concurrencia, a classe dos operarios chapeleiros, no domingo, 19 do corrente, ás 9 horas da manhã, reuniu-se em assembléa para tratar de organizar-se, iniciativa que está sendo fomentada com muito entusiasmo.

Nessa reunião resolveu-se que a «União dos Chapeleiros» se faça representar, por um delegado, no «Comité Mixto», para auxiliá-lo no grandioso movimento que se está promovendo contra a maldada lei Gordo, que foi imposta pelos escravocratas governantes do Estado de São Paulo.

Tambem resolveu alugar, juntamente com o Sindicato Operario de Officios Varios, um predio, ou uma sala apropriada para as respectivas sedes sociais, e distribuir entre os operarios chapeleiros os estatutos da associação, que foram aprovados em sessão realizada no dia 1 de junho.

### Sindicato dos Trabalhadores em fábricas de Macarrão

No mesmo dia, ás 3 horas da tarde, reuniu-se em assembléa geral esta classe para resolver assuntos de interesse de todos os associados.

Nessa assembléa, que foi concorridissima e muito animada, teve logar uma conferencia de propaganda associativa.

Entre os varios assuntos tratados pela assembléa, fez-se sentir a necessidade de impor aos patrões uma tabela do salario minimo, a qual será novamente discutida na reunião que esta classe relalizará hoje, domingo, ás 3 horas da tarde, na sede do Sindicato Operario de Officios Varios, á rua do Carmo, 36 (moderno).

Na mesma reunião será nomeada a camissão administrativa do sindicato.

## NORIO

### Vibrante acção do Centro de Estudos Sociais.

Apenas com quatro meses de existencia, este activissimo nucleo de camaradas tem desenvolvido uma acção que chamou sobre si e sobre as idéas anarquistas, a atenção da população carioca e tambem da fluminense.

Neste curto espaço de tempo, agitou a questão da prisão de Adolfo Anta, e realizou de acôrdo, com a Confederação O. Brasileira e Federação Operaria dois comícios de protesto, conseguindo libertá-lo;

Promoveu no dia 13 de maio, aproveitando-se da comemoração de emancipação dos escravos, uma sessão pública de propaganda no Pavilhão Internacional, onde falaram os camaradas: José Oticia, Max dos Vasconcelos, J. Gonçalves da Silva e Leal Junior;

Fez uma edição de 5.000 exemplares de um pequeno folheto de Neno Vasco, *As doutrinas libertarias*, de que se fez larga distribuição.

Sob os seus auspícios realizaram-se as seguintes conferencias:

Uma no dia 31 de maio, na sede da «Sociedade dos Trabalhadores em Trapiches e Cafés», pelo camarada Orlando Corrêa Lopes, sobre sindicalismo; o na outra sede da Federação Operaria, pelo camarada Francisco Viotti, sobre néo-maltusianismo, no dia 13 de junho; e no mesmo dia outra em Petropolis, na sede do Centro O. r.o de Maio, pelo camarada J. Gonçalves da Silva.

Estão anunciadas mais as seguintes:

No dia 28 de ste, em Bom-Successo, na sede do Sindicato Spurbano, pelo camarada J. Gonçalves da Silva; no dia 2 Julho, em Niterói, na sede do Circulo Operario Fluminense, pelo mesmo camarada.

O Centro, além disso, está preparando uma edição de um folheto sobre a momentosa questão da luta contra a tuberculose e pretende realizar, a exemplo do que se fez em 13 de maio, outra

sessão publica de propaganda no dia 14 Julho.

Se os companheiros das demais localidades do Brasil desenvolvessem proporcionalmente a propaganda e a acção como os esforçados componentes deste centro, a população de todo o Brasil não tardaria em conhecer as nossas doutrinas e em lutar por elas.

## «La Propaganda»

Consta-nos que um grupo de camaradas iniciará, no dia 4 de julho, a publicação de um jornal de propaganda libertaria, em idioma italiano, sob o titulo «La Propaganda».

Será mais um elemento de combate pela Anarquia, e aparece necessariamente no momento em que o governo julga ter extirpado os perigosos elementos anarquistas.

## Correspondencia libertaria

*Alfredo Gabrielleschi* (R. P.) Estamos a procura da obra dramática. *Mabili Francesco* — (Cerquillo) Tomamos nota.

F. Dal Mollo (R. Branco) Cientias do seu pedido; ele será atendido.

*José Arias*. (Rio) Recebi a sua missiva. Estou esperando a encomenda. Saudações a todos os camaradas.

*Florentino* Munhoz (Rio) Tenho recebido os jornais.

Sempre que houver algo de importante não deves esquecer de mandar. Saúde.

*Florentino* Manoel Perdigoão (Santos) Como vai a gente de casa?

*Elorentino*

## PRO JUBERT

Sema anterior 195\$700.

Lista de Stefanelli: — Cecilio Rodrigues, 15000; um anti-policia, 15000; J. B., 1.000; Francisco de Carvalho, 1.000; Massari, 1.000; José de Castro, 1.000; Vicenti Caputi, 2.000; um padre, 500; W. Perisa, 1.000; Maglio Vi, 1000; Geraldo Palombo, 1.000; Pedro Malheiro, 2.000; Antonio Scotti, 1.000; Domingos, 1.000; Federico Massari, 1.000; José Rodrigues, 1.000; um anônimo, 1.000; M. Stefanelli, 5.000; João Sturari, 1.000; Mastro Queco, 1.000; Agostino Diario, 1.000; Miguel Cachelli, 1.000; Albino Sbrana, 2.000; Heteore Gori, 2.000; Federico Apicelli, 1.000; Cesare Benediti, 1.000; Fiorentino, 1.000; M. Pellegrino, 2.000; N. R., 500; anticlericale, 2.000.

Total da lista. . . . . 44\$900

Lista a cargo de Alfredo Gabrielleschi: — (R. P.) A. Gabrielleschi, 4.000; A. Vizzoto, 2.000; F. Musuracci, 2.000; Dionisio Facioli, 1.000; Luis Tambonici, 1.000; Aristides Firati, 2.000; Manoel Martinho, 1.000; Euripeide Afini, 1.000; Eugenio Ferri, 1.000; Primo Ferri, 1.000; Alfredo Battaglia, 1.000; Battista Battaglia, 1.000.

Total da lista. . . . . 18\$000

Lista a cargo de Primo Locci: — Circulo Conquista do Porvir, 20\$000; Miguel Ribeiro, 2.000. Total da lista, 22\$000. Antonio Musadano, 3.000.

Soma total. . . . . 282\$700

## Pró Germinal e Barricata

### Entradas

|  |          |
|--|----------|
| Gioacchino Giuseppe (Sorocaba) . . . . . | 3\$000   |
| (Ribeirão Preto) assinaturas . . . . .   | 30\$000  |
| (Guararema) L. Campagnoli . . . . .      | 10\$000  |
| (São Roque) Coabrança . . . . .          | 60\$000  |
| Ribeirão Pires . . . . .                 | 40\$000  |
| S. Bernardo . . . . .                    | 140\$000 |
| S. Paulo . . . . .                       | 110\$000 |
| S. Paulo) Varios: Fiume, 2\$000;         |          |
| José P. Martins, 5\$000; A-              |          |
| branches, 1\$300. . . . .                | 8\$300   |
| (S. Roque) Tonso e Floria. . . . .       | 2\$200   |
| Bilhetes da festa. Recebidos de:         |          |
| Bald, 20\$000; G. S. 1\$500. . . . .     | 21\$500  |
| Livros e folhetos . . . . .              | 2\$500   |
| Venda avulsa em Ribeirão Pires           |          |
| idem em S. Paulo . . . . .               | 10\$200  |
| Venda do jornaes velhos. . . . .         | 2\$800   |
| Pro manifesto: V. J. C., 5\$000;         |          |
| durante o comicio, 4\$300; G.            |          |
| Vani, 1\$000; Salvador, 1\$000;          |          |
| Gasparoli, 1\$000; Fiume 500;            |          |
| G. Belmonte, 1\$000; total . . . . .     | 13\$800  |
| (Santos) Coabrança de: M. G. 10\$;       |          |
| M. C. 10\$000; J. A. 6\$000;             |          |
| D. N. 5\$000; B. B. 5\$000; A.           |          |
| M. 5\$000; D. B. 5\$000; total           |          |
| (S. Paulo) A. Soune . . . . .            | 6\$000   |
| Total. . . . .                           | 534\$700 |

### Despesas

|                                     |          |
|-------------------------------------|----------|
| Tipografia, ns. 13-14. . . . .      | 346\$400 |
| Um manifesto. . . . .               | 25\$000  |
| Selos para 3 numeros, e o mani-     |          |
| festo e expedição ao exterior       |          |
| Despesas em viagens de cobran-      |          |
| ça, cartões, barbante, etc. . . . . | 55\$500  |
| Total. . . . .                      | 486\$900 |

Deficit do n. 12 . . . . . 562\$800

Total geral . . . . . 1.048\$000

### Resumo

|                   |            |
|-------------------|------------|
| Despesas. . . . . | 1.048\$000 |
| Entradas. . . . . | 534\$700   |
| Deficit . . . . . | 514\$300   |